

Atramentis Vivas

Volume 1, Número 5, SET 2025



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Corpo Editorial: Sarah Venturim Lasso
Foto de capa por ChatGPT

Periodicidade: Bimestral com temática sazonal

Tipo: Online

Ano: 2025

Semestre: 2

Mês: 09/2025

ISSN 3085-9336

Endereço corporativo: Avenida Antonia Gil Veloso, Bairro Praia da Costa, cidade Vila Velha, Estado do Espírito Santo, CEP: 29.101-011

Nível de Conteúdo: Divulgação

Idioma do Texto: Português

URL: <https://atramentisvivas.com>

Assunto Principal (Área do conhecimento): Literatura: Ficção curta, poesia, e ensaios literários.

Título da publicação: Atramentis Vivas – Revista digital literária e cultural



Nota da editora

Caros leitores,

Há algo de profundamente humano na tentativa insistente de preencher todos os espaços. Organizamos dias, acumulamos objetos, colecionamos tarefas, discursos e imagens. Mas por trás dessa ânsia de completude existe um território silencioso que evitamos encarar, o nada.

Esta edição nasce justamente dessa ausência. Não como uma renúncia, e sim como um convite. Entre o cheio e o vazio existe uma fronteira fértil. Ali pensamentos se assentam e mundos começam a tomar forma. O nada, ao contrário do que supomos, não é o fim de tudo. É um campo inicial. Uma origem possível. Uma pausa que abre caminho para o inédito.

Ao reunir filósofos, cientistas, artistas e observadores atentos da vida cotidiana, buscamos entender o que se esconde quando tudo parece desaparecer. Investigamos o vácuo da física, o silêncio que molda a música, o vazio que estrutura a arquitetura e a pausa que sustenta cada palavra escrita. Inclusive estas.

Neste número experimentamos recuar um passo para olhar o que não está lá. Acreditamos que, ao fazer isso, talvez possamos perceber com mais clareza aquilo que realmente importa.

Que esta edição seja um espaço respirável. Um breve intervalo no excesso do mundo. Que ela permita que você se encontre, ainda que por um instante, com essa estranha e poderosa companhia, o nada.

Boa leitura

A Editora



Editorial

O nada sempre provocou desconforto. É difícil aceitar a ideia de que por trás das coisas pode haver apenas silêncio. Mesmo assim, seguimos atraídos por esse vazio que insiste em nos acompanhar. Talvez porque, em algum nível, saibamos que não existe criação sem espaço livre. Não há início sem um intervalo anterior. Não há palavra sem o silêncio que a sustenta.

Nesta edição abrimos espaço para olhar o nada de frente. Não com a pretensão de defini-lo, e sim de aproximar o olhar. Percorremos caminhos que passam pela física contemporânea, pela filosofia antiga, pelo minimalismo nas artes e pelas experiências íntimas de quem vive buscando significado em um mundo cada vez mais saturado de estímulos. O nada surge como fenômeno científico, como metáfora estética e como estado emocional. Surge também como resistência. Em um tempo que exige presença constante, desligar se tornou um ato de coragem.

O nada aqui não é ausência pura. É matéria de reflexão. É aquilo que permite que o pensamento se mova sem destino certo. Ao longo das páginas você encontrará espaços de densidade e espaços quase vazios. Ambos são intenções editoriais. Ambos pedem um tipo diferente de atenção.

Se esta revista provocar pausas em sua leitura, deixamos claro que foi exatamente essa a intenção. O vazio também lê junto com você.

O que é o nada?

O nada parece simples quando dito em voz alta. Uma palavra curta, direta, quase leve. Mas basta tentar compreendê-la para perceber que ela escapa por todos os lados. O nada não é apenas ausência. Não é apenas vazio. Não é simplesmente aquilo que sobra quando tiramos tudo. O nada é um enigma antigo, talvez tão antigo quanto a pergunta sobre a origem do mundo.

Desde os primeiros filósofos a ideia de nada provoca tensão.

Parmênides afirmou que o nada não pode ser pensado. Para ele apenas o ser existe. O resto é ilusão. Séculos depois o pensamento oriental abraçou o vazio como força essencial. No budismo o vazio não significa inexistência. Significa uma abertura plena, um campo onde tudo é possível porque nada está fixo. Já no existencialismo europeu o nada aparece como espelho da liberdade humana.

Somos livres porque nada nos determina totalmente.

A ciência moderna tornou o enigma ainda mais profundo. O vácuo, aquilo que imaginamos como o espaço sem qualquer presença, está longe de ser um deserto. Mesmo no vazio mais extremo surgem flutuações quânticas que aparecem e desaparecem em intervalos minúsculos. Partículas surgem do nada. Em certo sentido o nada produz algo. O que chamamos de vazio é um cenário em movimento constante, repleto de energia invisível.

O que é o nada?

Na matemática o nada ganhou forma precisa. O zero revolucionou o pensamento humano ao permitir que o vazio se tornasse símbolo. Ele tornou possíveis cálculos complexos e ideias abstratas. Ao criar o zero criamos uma maneira de representar o que não está lá e isso modificou todas as ciências. O conjunto vazio, outro conceito matemático, oferece um ponto de partida para sistemas inteiros. É a fundação de algo que ainda não existe.

Na linguagem o nada aparece como silêncio. Toda frase nasce em um intervalo de quietude. Toda pausa carrega sentido. Um texto sem espaços seria indecifrável. É no vazio entre as palavras que a leitura respira. O nada se torna ferramenta. Não é um buraco a evitar. É o lugar onde o significado repousa antes de se mostrar.

Talvez o que mais provoca seja perceber que o nada não está apenas no universo ou nos livros. Ele percorre a vida diária. Surge no intervalo entre dois pensamentos, no momento anterior a uma decisão, no suspiro que antecede uma mudança. Surge quando algo termina e o próximo passo ainda não foi encontrado. É no nada que nascem começos.

O que é o nada?

Explorar o nada é também explorar nossos limites. Diante dele surgem perguntas que não conseguimos ignorar. O que permanece quando tudo é removido. O que somos quando as respostas desaparecem. Há quem veja o nada como ameaça. Há quem veja como liberdade. Para esta revista escolhemos tratá-lo como possibilidade.

Nas páginas que seguem investigamos suas muitas faces. Não para fechá-lo em uma definição, mas para abri-lo ainda mais. O nada, afinal, insiste em existir mesmo quando dizemos que não existe.

A estética do vazio nas artes

O vazio sempre encantou artistas. À primeira vista ele parece ausência de expressão. No entanto, ao longo da história, muitos criadores descobriram que o espaço em branco é tão poderoso quanto qualquer forma visível. A arte não se sustenta apenas no que aparece. Em muitos momentos é o que não aparece que provoca o olhar.

No minimalismo essa ideia se tornou princípio. Não se trata de empobrecer a obra, mas de permitir que ela respire. Linhas simples, superfícies amplas, cores reduzidas. Ao retirar o excesso, algo essencial se revela. O olhar encontra silêncio e o silêncio se transforma em significado. Obras que parecem vazias pedem um tipo diferente de presença do espectador. Elas exigem atenção calma, uma leitura que se constrói no tempo.

Na arquitetura o vazio assume função estrutural. Ao desenhar espaços abertos e continuidades luminosas, arquitetos criam ambientes que acolhem a pausa. Um átrio silencioso pode ser tão comunicativo quanto uma fachada ornamentada. A ausência dirige o caminho. A luz encontra espaço para circular. O corpo se desloca com mais lentidão. O edifício parece escutar.

Na literatura o vazio se manifesta por meio do que não é dito. Autores usam o silêncio narrativo como ferramenta para sugerir o que não cabe nas palavras. Um diálogo interrompido. Uma descrição incompleta. Um capítulo que termina antes do esperado. Cada lacuna abre um palco onde a imaginação do leitor atua. A ausência se torna parceria criativa.

A estética do vazio nas artes

Na música o vazio aparece como descanso. A pausa não é apenas intervalo. É parte da composição. Ela acentua a nota seguinte e reorganiza o ritmo interno do ouvinte. Um segundo de silêncio pode ampliar a emoção de uma melodia inteira. Compositores que experimentam o limite do som descobrem que o vazio é matéria musical.

O que une essas formas de expressão é a percepção de que o vazio não é perda. É potência. Ele permite que a sensibilidade encontre espaço para se mover. Permite que o olhar, o corpo e a mente vivenciem algo que não pode ser oferecido de forma direta. O vazio é convite. É território aberto. É a borda onde o sentido começa a nascer.

Nesta investigação buscamos entender por que o vazio, longe de ser falta, produz impacto tão profundo. Ao retirar, o artista acrescenta. Ao silenciar, ele fala de outro modo. O nada, na arte, nunca é nada. Ele é presença sutil. Ele é matéria invisível. Ele é o espaço onde cada um percebe o que ainda não havia percebido.

Quando nada é tudo, a ciência do silêncio

O silêncio não é simples ausência de som. Ele possui estrutura própria e influencia o corpo de maneiras que só recentemente a ciência começou a compreender. Em laboratórios de neurociência, em salas de meditação e até em câmaras anecoicas, pesquisadores investigam o que acontece quando os ouvidos deixam de perceber ruído. O resultado revela que o silêncio é uma forma de estímulo, mesmo que pareça o contrário.

O cérebro humano não permanece inativo quando o ambiente se cala. Pelo contrário. Redes internas se reorganizam. Algumas áreas reduzem sua atividade, outras se expandem. Estudos mostram que períodos curtos de silêncio podem aumentar a capacidade de aprendizagem, melhorar a memória e reduzir níveis de estresse. Quando o ruído externo diminui, a mente encontra espaço para ordenar o que antes estava disperso.

O silêncio também altera a percepção do tempo. Sem estímulos constantes, o ritmo interno se ajusta de modo diferente. Segundos parecem mais longos. A respiração desacelera. O corpo interpreta o ambiente como seguro e diminui sua vigilância. É como se o mundo, por um instante, tirasse peso das costas.

Na natureza o silêncio possui função própria. Animais usam momentos de quietude para detectar ameaças e para se comunicar a longas distâncias. Uma floresta silenciosa pode indicar perigo. Um oceano em repouso ajuda espécies a se orientarem por vibrações mínimas. O silêncio é informação. Não é vazio passivo, é linguagem da sobrevivência.

Quando nada é tudo, a ciência do silêncio

Em ambientes urbanos o silêncio se tornou cada vez mais raro. O excesso de sons constantes cria cansaço acumulado. Pequenos intervalos de quietude funcionam como restauro. Cidades que investem em parques, áreas verdes e espaços de respiro não o fazem apenas por estética. Fazem por saúde coletiva. Pesquisas mostram que alguns minutos de silêncio por dia podem diminuir a atividade de regiões cerebrais associadas à ansiedade.

O silêncio é também experiência subjetiva. Para alguns ele causa calma. Para outros ele desperta inquietação. O vazio sonoro pode abrir portas internas que evitamos abrir. Por isso é tão poderoso. Ele revela o que o barulho encobre. Mostra pensamentos que tentamos ignorar. Permite que emoções apareçam sem disfarce.

Entender o silêncio é entender uma forma de presença. Ele não preenche. Ele não explica. Ele apenas cria um território para que algo mais possa surgir. Assim como o nada físico e o nada artístico, o silêncio é possibilidade. É cenário amplo. É o momento em que o mundo parece suspenso, aguardando o próximo som, a próxima palavra, o próximo gesto.

A ciência começa a mapear os efeitos do silêncio, mas talvez nunca consiga esgotá-los. Há um mistério que persiste. Algo que não cabe nos gráficos. Algo que apenas a experiência direta revela. O silêncio fala. E cada pessoa escuta algo diferente.



CURADORIA DA MATRONA

Uma iniciativa de Atramentis Vivas.

A cada seis meses, uma artista é escolhida.

Não por algoritmos. Não por concursos. Mas por olho, alma e intenção.

Ela é acolhida sob o manto da Matrona.

Recebe um apoio financeiro de R\$2.000 — gesto concreto de confiança e incentivo.

Recebe também espaço: uma publicação especial na revista, com entrevista, obras e voz.

Recebe visibilidade: será apresentada em nossas redes, com carinho e constância.

Recebe presença: uma conversa curatorial, um olhar, uma escuta.

Recebe tempo.

A Curadoria da Matrona é um ato de sustento artístico.

Não se propõe a resolver, mas a nutrir.

Apostamos em artistas que estão em meio à travessia — com talento, desejo e coragem.

Não há inscrições. A escolha é íntima, orgânica, viva.

O critério é o encantamento.

A procura está aberta!

A economia do nada, o valor do imaterial

Vivemos em um tempo em que possuir objetos já não define riqueza da mesma maneira que antes. A economia se deslocou do físico para o intangível. A informação vale mais do que o metal. A experiência vale mais do que a matéria. O nada, entendido como aquilo que não ocupa espaço visível, tornou-se produto, serviço e até desejo.

Plataformas digitais cresceram oferecendo algo que não se pode tocar. Um arquivo, um acesso, um direito temporário de uso. A música deixou de estar em discos. Os filmes deixaram de estar em fitas. Tudo passou a viver em lugares que não podem ser vistos.

Compramos presença sem presença física. Compramos conveniência. Compramos tempo. Compramos nada, e esse nada tem preço.

A economia da atenção, talvez o fenômeno mais marcante dessa transição, opera de modo curioso. O produto é o olhar humano. Empresas competem por segundos de foco. O bem negociado é invisível. Ele não pesa, não ocupa prateleiras, não requer transporte. No entanto molda comportamentos, cria tendências e movimenta cifras gigantescas. Nada aparentemente tão vazio quanto alguns segundos de distração. Nada tão valioso quanto a soma de milhões desses instantes.

A economia do nada, o valor do imaterial

O surgimento de ativos puramente digitais reforçou essa lógica. NFTs, criptomoedas e colecionáveis virtuais despertaram discussões intensas sobre valor e materialidade. O que exatamente estamos comprando quando compramos algo que não existe no mundo físico.

A resposta varia, mas geralmente envolve confiança, narrativa e pertencimento. São valores que não se pesam e não se medem com régua. São construções coletivas que transformam o imaterial em riqueza.

O mercado de experiências segue a mesma linha. Restaurantes vendem atmosfera tanto quanto comida. Hotéis vendem sensação de refúgio. Plataformas oferecem cursos que prometem transformação pessoal. No centro de tudo está uma percepção clara.

As pessoas buscam algo que não cabe em caixas. Buscam descanso, significado, emoção, reconhecimento. Todos esses elementos pertencem ao território do intangível.

Ao observar essa economia do nada, percebemos que ela não é ausência. É reorganização. O valor migra do objeto para o efeito que o objeto produz. O importante deixa de ser o que temos e passa a ser o que sentimos. O nada se torna suporte para experiências complexas.

Esse movimento revela uma mudança cultural profunda. Estamos aprendendo a atribuir valor ao imaterial. Estamos, pouco a pouco, aceitando que o que não se vê também constrói o mundo. O nada econômico não é vazio. É campo de criação. É espaço onde novas formas de troca emergem. É um espelho do que nos tornamos.

ENSAIO

O luxo de não existir por um instante

Há um fio quase invisível que conecta a história da arte às inquietações do nosso tempo. Esse fio é o vazio. Durante séculos artistas experimentaram a ausência como forma de expressão. Um pedaço de tela em branco. Um poema que prefere sugerir a dizer. Um gesto mínimo que diz mais do que um gesto expansivo. O vazio não é abandono. É escolha. É intenção. É pausa fértil.

Hoje esse mesmo vazio aparece em outro lugar, bem menos silencioso. Ele surge na vida mental de pessoas que passam horas navegando em redes sociais. Paradoxalmente, nunca estivemos tão cercados de imagens e, ao mesmo tempo, tão próximos da sensação de inexistência. A comparação constante, a busca por validação e a exposição contínua criam uma espécie de ruído interno que impede o descanso. O excesso provoca um novo tipo de cansaço. Um cansaço sem forma. Um cansaço que se aproxima do nada.

A literatura sempre soube que o vazio pode se transformar em voz. Em muitos romances o silêncio é o centro do conflito. Personagens procuram sentido no intervalo entre uma frase e outra. Sentem a vertigem de não saber quem são quando não há ninguém observando. Hoje essa questão se intensifica. Quem somos quando a tela se apaga. Que parte de nós sobrevive quando não estamos sendo vistos. A ausência de notificação se torna quase uma pergunta existencial.

ENSAIO

O luxo de não existir por um instante

Nas artes contemporâneas muitos criadores transformaram essa tensão em obra. Performances investigam a exposição extrema.

Instalações usam celulares e cabine de vidro para revelar a fragilidade de quem busca atenção. O vazio ganha contornos digitais. A estética do quase nada encontra eco na sensação de deslocamento que tantas pessoas descrevem ao rolar infinitamente um feed. Um gesto simples, repetir o movimento do dedo, se torna metáfora da busca sem fim por algo que não sabemos nomear. As redes sociais prometem presença. No entanto entregam uma presença fragmentada. Cada postagem é uma pequena afirmação de existência. Porém logo desaparece no fluxo de informações. Surge então a sensação de que precisamos produzir mais. Mostrar mais. Preencher mais. Essa pressão dissolve o espaço interno que antes era reservado ao pensamento, à espera, ao tédio criativo. O vazio, que poderia ser território de descanso, se torna ameaça. Um sinal de que estamos ficando para trás.

A arte propõe outra leitura. Ela nos lembra que o vazio pode ser abrigo. Que uma tela em branco não é falha, é horizonte. Que uma pausa em uma música não é ausência, é estrutura. Que um capítulo curto pode carregar mais significado do que um capítulo repleto de detalhes. A arte nos convida a recuperar a capacidade de existir sem provar constantemente que existimos.

Nas dores humanas atuais existe um pedido silencioso por esse território perdido. Queremos espaço para respirar. Queremos um intervalo entre o excesso de imagens. Queremos a possibilidade de não ser vistos por alguns minutos. Queremos a graça de não ter de responder tudo imediatamente. Queremos o direito de não produzir sentido o tempo todo.

ENSAIO

O luxo de não existir por um instante

Talvez o luxo mais raro do nosso tempo seja o ato simples de desaparecer por um instante. Não como fuga, mas como cuidado. Não como isolamento, mas como retorno. O nada pode ser fonte de força. Um lugar onde a mente se reorganiza. Um ponto inicial. Uma origem possível.

Este ensaio é um convite para que esse vazio volte a existir em nossas vidas. Que ele não seja medo, mas repouso. Que ele não nos coloque à margem, mas nos devolva ao centro de nós mesmos. Em um mundo que pede presença constante, escolher o silêncio pode ser uma forma profunda de liberdade.

HAIKU

Nada no vento
o mundo quase desperta
antes de existir

PÁGINA EM BRANCO COMENTADA

Esta página está vazia. Ela não carrega imagens, não oferece argumentos, não anuncia conclusão alguma. Ela existe como pausa. Existe como gesto. Existe porque o vazio também faz parte da leitura.

Quando viramos uma página e encontramos nada, algo sutil acontece. A mente recua. O corpo desacelera. O olhar procura sentido onde não há forma alguma. A página devolve a nós o silêncio que esquecemos de escutar.

Este espaço vazio não é interrupção. É conteúdo. Ele sustenta o que veio antes e prepara o que virá depois. Ele permite que as ideias respirem. Permite que o leitor se torne participante ativo. Permite que cada pessoa projete aqui o que só ela consegue imaginar. Há quem veja este branco como provocação. Há quem o perceba como descanso. Há quem desconfie dele. Há quem o deseje. Esta página aceita todas essas leituras. Ela não responde. Apenas oferece presença.

Em um tempo que exige imagens rápidas e opiniões imediatas, deixar um espaço vazio é um ato deliberado. É lembrar que nem tudo precisa ser dito. Nem tudo precisa ser concluído. Nem tudo precisa ser exibido.

Esta página está vazia, mas não está muda. Ela diz o que nenhuma outra página pode dizer. Ela afirma que o nada também tem lugar. E que às vezes é no nada que algo começa a surgir.

Arquitetura do nada, quando o espaço fala antes das formas

O vazio sempre foi matéria fundamental da arquitetura, mesmo quando não reconhecido como tal. Paredes, colunas e materiais recebem muita atenção, mas é o espaço entre eles que define a experiência humana. O nada constrói tanto quanto o concreto. Ele molda o percurso, a luz, a acústica, o ritmo do corpo. Ele transforma o edifício em lugar.

Ao longo da história muitos arquitetos entenderam que criar espaço é criar possibilidade. Em antigos templos orientais o vazio era tratado como território sagrado. Não por falta de recursos, mas por intenção espiritual. O espaço livre permitia que o visitante respirasse antes de entrar em contato com o divino. Não era ausência. Era preparação.

Na arquitetura moderna essa intuição se tornou linguagem. A busca por linhas simples e superfícies limpas não surgiu apenas por estética. Surgiu por desejo de clareza. Surgiu por vontade de devolver a quem habita o espaço a sensação de amplitude mental. Ao reduzir ornamentos, arquitetos abriram caminho para que o vazio assumisse protagonismo. A estrutura se tornou cenário para a luz. A luz se tornou ferramenta de desenho. O vazio se tornou presença.

No minimalismo essa lógica se intensificou. Casas e galerias trabalham com grandes planos vazios, pisos contínuos e volumes silenciosos. A ausência de excesso revela uma forma de acolhimento. Quando o ambiente não nos empurra para nenhuma direção específica, o corpo encontra seu próprio ritmo. A mente se aquieta. A arquitetura deixa de ser apenas abrigo e se torna campo de percepção.

Arquitetura do nada, quando o espaço fala antes das formas

O vazio também organiza o movimento. Em muitas obras contemporâneas o percurso é pensado como narrativa. Corredores longos que desembocam em salas amplas. Pátios internos que quebram a monotonia do caminho. A alternância entre cheio e vazio cria cadência, cria expectativa. Nada disso poderia existir sem a presença do nada. O espaço não ocupado é o que dá sentido ao espaço ocupado.

A relação entre arquitetura e nada fica ainda mais evidente quando pensamos em ruídos. Um prédio pode ser visualmente complexo, mas acusticamente silencioso. Pode ser simples em aparência e profundo em atmosfera. O vazio acústico cria sensação de recolhimento. Permite que cada passo seja percebido. Permite que o edifício seja ouvido. O silêncio materializa uma espécie de cuidado. Hoje muitos arquitetos voltam a refletir sobre a importância do vazio em resposta ao excesso da vida contemporânea. Cidades congestionadas, ambientes saturados e estímulos constantes fazem crescer o desejo por espaços de respiro. O vazio se torna necessidade. Torna se antídoto. Torna se gesto político. Criar silêncio em meio ao barulho não é recuo. É ato de oferecer presença.

Arquitetura do nada, quando o espaço fala antes das formas

Em projetos residenciais começa a surgir uma busca por interiores mais limpos. Não para seguir tendências estéticas, mas para permitir descanso mental. Em museus e centros culturais o vazio é adotado como parte do próprio conteúdo. Visitantes precisam de intervalo para absorver o que veem. O espaço entre obras faz parte da obra.

A arquitetura do nada não pretende apagar a vida. Ela pretende sustentá-la. Ela cria margens para que o cotidiano tenha lugar. Ao contrário do que muitos pensam, projetar o vazio não é mais fácil do que projetar o cheio. É preciso disciplina. É preciso cuidado. É preciso coragem para deixar que o espaço fale por si.

O nada, na arquitetura, nunca é ausência total. É composição. É gesto. É intenção. É a escuta que permite que cada pessoa construa sua própria presença dentro do lugar. É o intervalo que transforma um edifício em experiência. É a lembrança de que viver também exige espaço.

Encerramento

Chegamos ao fim desta edição, embora fim talvez não seja a palavra certa. Nada se encerra completamente quando falamos do nada. O vazio permanece aberto, insistente, silencioso. Ele se estende além da última página e acompanha o leitor depois do fechamento da revista.

O nada não conhece margens.

Ao percorrer estas páginas, atravessamos muitos tipos de ausência.

Vimos o nada como origem, como energia, como repouso, como ferida e como possibilidade. Ouvimos seu eco na arte, no silêncio, na arquitetura, na economia e na vida interior que se perde e se reencontra no fluxo incessante das redes sociais. Percebemos que o vazio nunca está sozinho. Ele convoca reflexão. Ele convoca sensibilidade. Ele convoca coragem.

Talvez esta edição tenha oferecido menos respostas do que perguntas. Talvez tenha deixado espaços que você preencheu à sua maneira. Essa era a intenção. Em um mundo que pede interpretações rápidas e certezas imediatas, permitir que o vazio permaneça vazio é quase um gesto de resistência. É lembrar que nem tudo precisa caber em categorias prontas. É aceitar que algumas ideias amadurecem apenas quando não são pressionadas.

O nada, afinal, não é inimigo. É intervalo. É campo fértil. É o momento antes do gesto. É aquilo que sustenta o que virá. Ele nos ensina a escutar com mais cuidado, a olhar com mais calma, a existir com mais inteireza.

Encerramos esta edição com gratidão por sua leitura. Que o silêncio entre estas palavras encontre lugar na sua vida. Que o vazio, por um instante, lhe devolva alguma forma de presença. E que daqui em diante você possa reconhecer no nada não uma ausência, mas um começo.

Até a próxima edição

A Editora

